

19 Olimpismo e Desporto Contemporâneo: o Regresso do Ténis aos Jogos²⁰⁵

*João Tiago Lima*²⁰⁶

I

As evidências históricas, porque estribadas em documentação factual, podem por vezes gerar mal entendidos. Frequentemente o que parece indiscutível, de um determinado ponto de vista historiográfico, oculta uma realidade mais difícil de apreender. As complexas e nem sempre pacíficas relações que o ténis manteve, e sobretudo continua a manter, com o movimento olímpico talvez sejam disso um bom exemplo. Fazendo parte do núcleo original do olimpismo, o ténis foi uma das modalidades presentes na primeira edição dos Jogos Modernos, realizada em Atenas em 1896. O mesmo sucedeu, de resto, nas seis edições seguintes (Paris, 1900; St. Louis, 1904; Londres, 1908; Estocolmo, 1912, Antuérpia, 1920 e Paris, 1924).

No entanto, as cada vez mais aceras discussões entre o Comité Olímpico Internacional (COI) e a International Tennis Federation (ITF) redundaram num diferendo que vedou o acesso do ténis aos Jogos durante mais de meio século. O motivo oficial invocado pelo COI foi o mesmo que se utilizou para banir o futebol do movimento olímpico: o profissionalismo. Segundo Pierre Lagrue, historiador do desporto, o ténis “era o desporto da alta sociedade, aquele que gerava maiores receitas e, mesmo que os jogadores fossem oficialmente amadores, os melhores

205 Este texto mantém a ortografia utilizada em Portugal.

206 Doutor em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal). Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora. Investigador do Centro de Investigação de Ciência Política (CICP).

tinham acesso a prémios realmente elevados” (TM, 478: 39). Voltarei a este ponto um pouco mais à frente.

Ainda assim, o que não deixa de ser curioso é que também a ITF tenha interdito a participação de tenistas profissionais nos chamados torneios *majors* (como é o caso das quatro provas que constituem o chamado *Grand Slam*, ou seja, Australian Open, Roland Garros, Wimbledon e US Open), limitação que se prolongou até ao advento da chamada era *open*, mais precisamente em 1968. Ora, é nesse mesmo ano que se começa a falar de novo na possibilidade do ténis regressar aos Jogos e, na edição realizada na Cidade do México, disputou-se uma competição meramente de exibição, em cuja final o espanhol Manuel Santana derrotou o seu compatriota Manuel Orantes.

Tendo sido gorada a sua presença nas olimpíadas seguintes, o ténis acabou por regressar, de novo apenas enquanto modalidade de exibição, nos Jogos de Los Angeles (1984), embora a participação tenha estado limitada a atletas com menos de 21 anos. Quatro anos volvidos, os Jogos de Seul marcam o regresso efectivo da modalidade ao movimento olímpico. Deve, contudo, sublinhar-se que a prolongada ausência do ténis dos Jogos não corresponde propriamente a uma punição do COI à ITF. Em rigor, da parte do ténis, não parece ter havido também um considerável interesse em voltar a ser desporto olímpico. De qualquer modo, não é disso exactamente que o presente ensaio trata. A verdade é que as coisas mudaram progressivamente nas últimas décadas e não só o ténis se tornou numa das modalidades mais atractivas do programa olímpico, como também os Jogos passaram a ter uma importância cada vez mais significativa no calendário internacional da modalidade. Pelo menos, de quatro em quatro anos. Tudo isto parece constituir uma irrefutável verdade histórica.

Porém, talvez as coisas não sejam assim tão simples e, por isso, convém perguntar: será que temos assistido a uma espécie de regresso a um momento primordial das relações entre o olimpismo e o ténis? O que mudou, entretanto, durante o período em que a modalidade e os Jogos estiveram, por assim dizer, *de costas voltadas*? O ténis é hoje sem dúvida muito diferente do modo como se jogava entre 1896 e 1924, mas o movimento olímpico não sofreu alterações menos essenciais. Daí que importe fazer um balanço do que se tem passado ao longo destes últimos quase trinta anos. É sobre este período, que vai de 1988 a 2016, que incidirá a minha reflexão, visando fundamentalmente responder a duas questões principais:

1. Quais as maiores dificuldades que o ténis sentiu nesta reintegração no movimento olímpico?

2. De que forma o regresso do ténis aos Jogos pode ilustrar a complexidade da articulação do ideário original de Pierre de Coubertin com as características do desporto contemporâneo?

Para cumprir tal objectivo, dedicarei especial atenção às competições olímpicas de ténis que se realizaram nas edições de Seul (1988), Barcelona (1992), Atalanta (1996), Sidney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio (2016) e sobretudo ao modo como os tenistas e as tenistas profissionais foram perspectivando a relação entre a sua modalidade e os Jogos.

II

Isabelle Queval, filósofa francesa e antiga tenista de muito bom nível, tendo chegado a fazer parte das equipas nacionais do seu país nos escalões juvenis, caracteriza o olimpismo dizendo que ele “é ao mesmo tempo uma ideologia, uma instituição e uma empresa logística” (QUEVAL, 2009: 137). A ideologia olímpica começa por reflectir as contradições do seu fundador, Pierre Coubertin: “uma certa ideia de grandeza aristocrática e da elegância no esforço conjuga-se com uma vontade real de democratizar o desporto e de o oferecer ao maior número de pessoas” (QUEVAL, 2009: 138). Esta ambivalência ajuda a explicar que o pensamento e a prática de Coubertin seja às vezes progressista, como quando defende a entrada de atletas profissionais nos Jogos (LIMA, 2016: 101-120), enquanto em outras ocasiões manifeste uma mentalidade conservadora ou mesmo retrógrada, quando se opõe à presença das mulheres nas competições (CARVALHO; CONSTANTINO, 1986: 98-99; CRUZ; SILVA; GOMES, 2006). Como qualquer ideologia, o olimpismo, por um lado, não é insensível às transformações sociais, económicas e políticas que a história implica e, por outro, necessita de um suporte que a proteja, desenvolva e fomenta. Neste caso, esse suporte é duplo, pois o olimpismo assenta numa instituição, o COI, e numa empresa logística que detém um poder quase total sobre a organização mundial do desporto. Daí o interesse que não só as outras empresas (*mass media*, equipamentos desportivos e tantas outras que, à primeira vista, pouco parecem ter a ver com o desporto propriamente dito), como também as federações desportivas nacionais e internacionais e até os diversos países de todo o mundo, têm em manter óptimas relações com o COI. Não deixa de ser significativo que o próprio processo de escolha das cidades que acolhem as edições

dos Jogos seja, também ele, altamente competitivo e, de resto, nem sempre através de processos onde é certo que impere o mais elevado *fair-play*.

Neste contexto, pergunto: o que tem o ténis dos nossos dias para oferecer ao COI? E, em contrapartida, o que ganha a modalidade em fazer parte do programa olímpico? De que modo os melhores tenistas e as melhores tenistas mundiais têm avaliado a ida aos Jogos no âmbito das respectivas carreiras profissionais? Valerá uma medalha de ouro olímpica o mesmo do que uma vitória em Wimbledon? Será que o ténis tem uma relação com o olimpismo que é, por exemplo, idêntica à verificada noutras modalidades altamente profissionalizadas como o futebol, o basquetebol ou, desde a edição do Rio, o próprio rugby (cf. LIMA, 2013: 51-58)? Tentarei acercar-me da resposta a estas perguntas através de uma breve retrospectiva do que foram as competições olímpicas de ténis desde os Jogos de Seul até 2016.

Mas começarei por recuar quatro anos para me deter na competição de 1984, realizada como já disse em Los Angeles em *hardcourts* ao ar livre. Tratou-se de uma prova destinada apenas a tenistas com idade inferior a vinte e um anos e, dado que nesta edição dos Jogos houve um boicote dos países do chamado Bloco de Leste, também sem jogadores da União Soviética, da Roménia ou da Checoslováquia, por exemplo. Ainda assim, os quadros contaram com nomes já consagrados – ou que iriam fazer carreira posteriormente – no circuito do ténis mundial. Assim, na prova masculina, o sueco Stefan Edberg derrotou na final o mexicano Francisco Maciel. No entanto, outros jogadores mais sonantes ficaram pelo caminho do jogo decisivo. Foi o caso do australiano Pat Cash vencedor de Wimbledon em 1987 ou do austríaco Thomas Muster, que ganhou Roland Garros em 1995, tendo alcançado o primeiro lugar do *ranking* mundial em Fevereiro do ano seguinte. No torneio feminino, sagrou-se vencedora uma das figuras mais relevantes de toda a história do ténis mundial, a alemã Steffi Graf que, de resto, obteve aqui um dos seus primeiros grandes triunfos a nível internacional. Com apenas dezassete anos, Graf foi apenas a oitava cabeça de série da prova que venceu derrotando na final a jugoslava e relativamente desconhecida Sabrina Goles. O futuro de ambas finalistas foi bastante diverso. Se Graf, porventura hoje mais conhecida por ter casado com o americano Andre Agassi, ostenta um impressionante currículo, com a vitória em vinte e dois (22!) títulos de singulares em provas do *Grand Slam*, Goles, por sua vez, jamais obteve um título muito importante, embora tenha chegado ao nº 27 do *ranking* mundial em 1987.

Mas esta é, de facto, uma das características mais interessantes das competições de ténis nos Jogos, ao permitirem o acesso a jogadores de países que raramente acedem às grandes competições internacionais, pois os seus atletas não dispõem

do *ranking* mínimo para ingressar nos respectivos quadros. Em Los Angeles no quadro de singulares homens participaram, representando respectivamente a Indonésia e o Zimbabwe, os quase anónimos Hary Suharyady e Orlando Lourenço. Suharyady, que voltará a participar nos Jogos de Seul e de Barcelona, teve como classificação mais elevada no *ranking* mundial o posto de nº 327, registado em Julho de 1988. Por sua vez, Lourenço, cujo nome indicia que terá ascendentes familiares portugueses, nunca subiu mais alto do que o 853º lugar. Devo referir, por fim, que em 1984 apenas se realizaram competições de singulares, cada uma com um quadro de trinta e dois participantes.

O efectivo regresso do ténis aos Jogos ocorre, todavia, apenas em 1988. Desta vez, o triunfo de Steffi Graf representa mesmo uma verdadeira medalha de ouro. Alguns dos melhores tenistas mundiais primam pela ausência, mas os quadros das provas de singulares e também de pares (disputados em *hardcourts* ao ar livre) são bastante mais ricos em quantidade, pelo que há mesmo a necessidade de se realizar provas de qualificação para os quadros principais, e sobretudo em qualidade com a participação de nomes como Stefan Edberg, Henri Leconte, Brad Gilbert ou Miroslav Mecir que derrotou na final o americano Tim Mayotte, entre os homens, e Gabriela Sabatini (prata), a veterana Chris Evert (eliminada na terceira ronda pela italiana Rafaella Reggi) ou até a ainda muito jovem Arantxa Sánchez Vicario, derrotada na primeira ronda por, imagine-se, Sabrina Goleš, a jugoslava que ganhara medalha de prata em Los Angeles. As provas de duplas, vencidas pelos norte-americanos Ken Flach e Robert Seguso (masculinos) e Pam Shriver e Zina Garrison (femininos), ilustram que a obrigação dos pares serem constituídos por jogadores do mesmo país em nada afectou o altíssimo nível desta variante. Uma última nota para o facto de, nas competições de singulares e pares masculinos, os encontros terem disputados em Seul à melhor de cinco partidas, tal como sucede nas provas do *Grand Slam* ou na Taça Davis.

Barcelona constitui um êxito quase absoluto no que diz respeito à atracção exercida nos tenistas mais importantes do circuito mundial. No quadro de singulares masculinos, constavam jogadores como Jim Courier, Pete Sampras, Goran Ivanisevic, Boris Becker, Michael Chang, Michael Stich, Thomas Muster ou Sergi Bruguera, todos eles com títulos de provas do *Grand Slam* no seu currículo. No entanto, a final da prova acabou por ser surpreendente com a vitória do suíço Marc Rosset sobre o espanhol Jordi Arrese. Talvez o facto de a competição se ter realizado em campos de terra batida possa justificar o colapso de estrelas como Sampras, Edberg ou Courier em fases precoces do torneio, mas a verdade é que em outros Jogos posteriores nem sempre os grandes favoritos irão ter, como mostrarei

a seguir, o desempenho que à partida se esperaria deles. Em singulares senhoras, Graf perdeu o seu título ao ser batida na final por Jennifer Capriati, enquanto Aranxta Sánchez Vicario, derrotada nas meias-finais por Capriati, partilhou o bronze com Zina Garrison. Em pares, venceram os alemães Boris Becker e Michael Stich e as norte-americanas Gigi Fernandez e Marie-Joe Fernandez. Estes Jogos de 1992 marcam também pela participação das grandes estrelas mundiais na modalidade de basquetebol, com o inesquecível *Dream Team*, que incluía vedetas da NBA como Michael Jordan, Magic Johnson ou Larry Bird. Num certo sentido, o olimpismo passava a aceitar sem reservas a presença de atletas altamente profissionalizados, facto a que não poderá ser naturalmente alheio a novas circunstâncias políticas decorrentes da queda do Muro de Berlim.

Andre Agassi estreia-se nos Jogos Olímpicos em Atalanta (1996) da melhor maneira possível, arrebatando a medalha de ouro em singulares. Em declarações à revista francesa *Tennis Magazine* em Maio desse ano, Agassi confessa: “Vejo os Jogos Olímpicos como qualquer coisa que poderia ser as duas mais formidáveis semanas da minha vida” (*TM*, nº 245: 70). No entanto, em *Open*, a sua autobiografia, Agassi poucas linhas dedica à sua única e vitoriosa participação olímpica que, como ele mesmo confessa, significou antes de mais uma espécie de desforra para o seu pai, antigo pugilista que participou nos Jogos de Londres (1948) e de Helsínquia (1952) representando o seu país de origem, o Irão. Daí esta confissão de Andre sobre o que sentiu após receber a medalha de ouro:

Acenei à multidão e procurei com o olhar Gil [Reyes], Brooke [Shields] e Brad [Gilbert]. Olhei para o meu pai, mas ele estava escondido. Tinha-me dito na noite anterior que eu estava prestes a conseguir obter algo que lhe tinha sido retirado há uns anos atrás, mas mesmo assim não queria aparecer pois receava estragar aquele momento tão especial. Não percebeu que aquele momento era especial exactamente porque não tinha só a ver comigo. (AGASSI, 2009: 238)

Com efeito, Agassi vivia então uma fase algo difícil da sua carreira, tendo perdido prematuramente em Roland Garros e em Wimbledon alguns meses antes e, em Atalanta, numa competição novamente disputada em *hardcourts* ao ar livre, passou por encontros bastante complicados, designadamente frente ao italiano Andrea Gaudenzi e ao sul-africano Wayne Ferreira, em que foi obrigado a disputar

um terceiro *set* decisivo. Na final, única ronda jogada à melhor de cinco partidas, a sua superioridade sobre o espanhol Sergi Bruguera foi esmagadora tendo cedido apenas cinco jogos em três curtas partidas. Para este êxito de um Agassi longe dos seus melhores tempos, terá sido decisiva a colaboração de seu preparador físico e mentor Gil Reyes e de o seu novo treinador Brad Gilbert. Desta vez, o quadro de singulares masculinos não esteve tão recheado de vedetas o que, de certo modo, facilitou um pouco a vida de Agassi. Pela primeira vez, efectuou-se um jogo para atribuição da medalha de bronze que pôs em duelo os tenistas vencidos nas meias-finais. Talvez o ténis lusófono nunca tenha estado tão perto de uma medalha olímpica como em Atalanta, pois o brasileiro Fernando Meligeni perdeu o terceiro lugar ao ser derrotado, num encontro rijamente disputado, pelo genial indiano Leander Paes, que ainda hoje participa regularmente nas mais importantes provas de duplas do mundo. Em femininos, também não foi desta que Arantxa Sánchez chegou à medalha mais preciosa, pois perdeu a final face a Lindsay Davenport. Por seu turno, em pares, a também dupla americana Fernandez-Fernandez revalidou o ouro de Barcelona, e Todd Woodbridge e Mark Woodforde levaram a Austrália ao lugar mais alto do pódio.

Foi precisamente no país dos cangurus que se realizou a edição seguinte dos Jogos, mais concretamente em Sidney (2000). Embora os líderes dos dois *rankings* mundiais, Pete Sampras e Martina Hingis, tenham faltado, quase todos os restantes melhores tenistas participaram nos quatro quadros existentes, uma vez mais jogados em *hardcourts* ao ar livre. Desta vez, os vencedores não foram propriamente surpresa. O russo Yevgeny Kafelnikov impôs-se na final ao alemão Tommy Haas em cinco longas partidas, enquanto Venus Williams conquistou o seu primeiro ouro ao derrotar a norte-americana de origem jugoslava Monica Seles. Em duplas, venceram os canadianos Sébastien Lareau e Daniel Nestor, e Venus Williams, jogando com a sua irmã Serena, fez a *dobradinha*.

O ténis era já parte integrante do calendário olímpico, mesmo que essa integração nem sempre tenha sido simples. O francês Arnaud Di Pasquale, que alcançou a medalha de bronze em singulares, relata alguns episódios reveladores da sua inesquecível experiência em Sidney, nomeadamente quando chegou à aldeia olímpica:

A primeira coisa que me espantou bastante quando cheguei foi as pessoas cruzarem-se comigo – estou a falar daquilo que se passou comigo – e me perguntarem: ‘Mas estás alojado na aldeia?’. Creio que o que estava subentendido na pergunta era claro: ‘Não estás

num hotel de quatro ou cinco estrelas lá fora? É muito estranho.' Ouvi coisas destas muitas vezes. Parece que há a imagem de que o tenista vai sempre para soberbos hotéis, luxo esse que não pode dispensar. A dada altura, cruzei-me com alguém quando levava a minha roupa suja à lavandaria, tal com o faziam todos os atletas. Ia portanto com o meu saco quando essa pessoa me diz: 'Ver um tenista a levar a sua roupa lavandaria fá-lo parecer bastante humano!'. Achei isto incrível. Respondi (*risos*) que isso não me incomodava nada, pois era uma pessoa completamente normal. (*TM*, 296: 62).

O caso de Di Pasquale interessa-me por dois motivos. Por um lado, traduz o que muitos tenistas profissionais sentem acerca dos Jogos. É um momento em que não jogam apenas por eles próprios, mas em que, acima de tudo, representam o seu país. Depois, porque, sobretudo no caso dos tenistas que têm uma sólida cultura desportiva, para muitos jogadores de ténis vencer uma medalha é quase tão importante como ir à final de um torneio do *Grand Slam*. Por outro lado, há tenistas que têm uma propensão especial para jogar bem nas competições olímpicas, tal como sucede um pouco também na Taça Davis. Arnaud Di Pasquale foi um tenista relativamente modesto, cuja classificação mais alta no *ranking* foi apenas o 39º lugar (precisamente em Abril de 2000), mas ganhou a medalha de bronze em Sidney derrotando um tal... Roger Federer que, na altura, ainda não ganhara nenhum dos vinte títulos do *Grand Slam* que entretanto conquistou, mas já era o nº 30 do mundo. Compreende-se a frustração do jovem Federer ao perder aquela medalha, pois o suíço sempre dedicou grande importância aos Jogos. Ainda assim, Sidney 2000 constitui um momento inolvidável na vida de Roger. A representação do país dos relógios na prova de pares femininos não foi exaltante, pois a dupla suíça perdeu logo na eliminatória inicial. Mas quem compôs essa equipa? Emmanuelle Gagliardini e uma tal... Miroslava Vavrinec, mais tarde conhecida por Senhora Federer! Sim, segundo reza a lenda, Mirka e Roger ter-se-ão conhecido justamente em Sidney, provavelmente em plena aldeia olímpica. Os Jogos são, bem vistas as coisas, muito mais do que meras competições desportivas.

Roger Federer participará nos Jogos de Atenas (2004) já como número um do *ranking* mundial. No entanto, o seu desempenho na competição (de novo jogada em *hardcourts* ao ar livre) está longe de ser famoso. Em singulares, será derrotado pelo checo Tomaz Berdych, logo na segunda eliminatória. Em pares, associado ao modesto compatriota Yves Allegro, cai também na segunda ronda perante os

indianos, especialistas em duplas, Mahesh Bhupathi e... Leander Paes, esse mesmo, o inesperado vencedor da medalha de bronze em Atalanta! Mais inesperados serão, por seu turno, os finalistas em singulares masculinos em Atenas: o chileno Nicolas Massu (13º do *ranking*) bateu Mardy Fish (EUA), enquanto o seu compatriota Fernando González (19º) arrebatou o bronze. Ficaram pelo caminho nomes como os espanhóis Carlos Moya ou Juan Carlos Ferrero, o norte-americano Andy Roddick ou o russo Marat Safin. Em pares, Massu e González triunfaram de novo contra todas as expectativas, deixando os chilenos absolutamente eufóricos, pois nem antes, nem depois, o país conseguiu qualquer outra medalha de ouro em qualquer modalidade olímpica.

Embora menos improváveis do que os vencedores masculinos, também houve estreias entre as tenistas medalhadas em Atenas. Se, em singulares, a belga Justine Henin fez jus ao seu primeiro lugar do *ranking*, em pares confirmou-se o desenvolvimento do ténis na China, com o triunfo de Li Ting e Sun Tiantian. Todos os olhos se voltavam já para Pequim, quatro anos depois.

O ténis conheceu um enorme êxito nos Jogos de 2008, numa competição ainda jogada em *hardcourts* ao ar livre. O quadro de singulares masculinos apresentou-se fortíssimo, pois dos dez melhores tenistas mundiais apenas Andy Roddick não participou. Eliminado nos quartos-finais por outro norte-americano, James Blake, Federer viu o seu eterno rival Rafa Nadal arrebatá-la a medalha de ouro. No entanto, em pares, desta vez associado a Stan Wawrinka, conseguiu vencer a prova e assim realizar o sonho de criança de ganhar o ouro olímpico. Em femininos, numa final totalmente russa, Elena Dementieva derrotou Dinara Safina, ao passo que, em duplas, as irmãs Williams renovaram o ouro de Sidney.

Talvez nunca o ténis e os Jogos tenham estado em tão grande sintonia como em Londres 2012. O cenário escolhido para as cinco competições (desta vez, houve também pares mistos) não poderia ter sido mais adequado: o All England Club, o mítico clube onde todos os anos se joga, em *courts* de relva, o Torneio de Wimbledon. Os britânicos foram muito felizes com esta decisão, tanto mais que o escocês Andy Murray derrotou na final Roger Federer, vingando assim, no mesmo *court*, a derrota que este lhe infligira poucas semanas antes, precisamente no jogo decisivo de Wimbledon. Entre as senhoras, as irmãs Williams mais uma vez atropelaram a concorrência, com Serena a sagrar-se vencedora em singulares e pares. Outra vitória americana (e também *familiar*) aconteceu em pares masculinos, com o ouro a ser entregue aos famosos irmãos Bryan, Bob e Mike. Por fim, os bielorrussos Victoria Azarenka e Max Mirny venceram a competição mista.

Pela primeira vez neste século, Federer, considerado quase unanimemente o melhor tenista de todos os tempos (apesar de nunca ter vencido a medalha de ouro olímpica em singulares), não participou nos Jogos do Rio (2016), competição novamente disputada em *hardcourts* ao ar livre. O suíço interrompeu a sua carreira por lesão, para voltar em grande em 2017, vencendo o Australian Open e Wimbledon. Nadal, derrotado pelo argentino Juan Martin Del Potro nas meias-finais, perdeu por muito pouco a medalha de bronze para o japonês Key Nishikori. Disso se aproveitou, Andy Murray para realizar um feito único entre os tenistas: ganhar por duas vezes o ouro olímpico em singulares. Rafa desforrou-se, de certa forma, na competição de pares que venceu, jogando ao lado de Marc López.

Em femininos, passou-se algo similar ao que sucedeu nos homens em Atenas. Monica Puig ofereceu a Porto Rico a primeira medalha de ouro de sempre em qualquer modalidade olímpica. Nas restantes provas, vitórias para as russas Ekaterina Makarova e Elena Vesnina (pares femininos) e para os norte-americanos Bethanie Mattek-Sands e Jack Sock (mistos).

Entretanto cresce a expectativa em relação aos Jogos de Tóquio (2020)? Estará Federer disponível para participar na competição pela sexta vez? Nadal ou Murray voltarão a ganhar o ouro? E as irmãs Williams – juntarão mais medalhas ao seu incomparável currículo olímpico? Ou, pelo contrário, países inesperados poderão ter, como sucedeu com o Chile e o Porto Rico, a sua chance nos Jogos graças ao ténis?

III

Feito este balanço descritivo do regresso do Ténis aos Jogos, pretendo agora responder, com os dados entretanto apresentados, às questões com que iniciei este ensaio. Convém que comece por sublinhar que, entre os melhores tenistas do mundo, o reconhecimento da importância dos Jogos para a modalidade não é consensual. O austríaco Dominic Thiem, que faz parte dos dez melhores jogadores da actualidade, é muito claro acerca deste assunto:

Apesar de ter sentido muita pressão em sentido contrário, mantenho minha decisão de não participar no torneio olímpico. Aos meus olhos, o ténis não simboliza os Jogos Olímpicos, pelo menos não do mesmo modo como o fazem o atletismo ou a natação, por exemplo. Vejam o caso do futebol, por exemplo: a Áustria e a

Alemanha não jogam com as equipas principais, porque os Jogos não são uma prioridade para o futebol. E bem! Aos meus olhos, passa-se o mesmo com o ténis. Para mim, a prioridade é ganhar um *Grand Slam* e organizo o meu calendário em função deste objectivo. (TM, 477: 63)

Embora discutível, esta perspectiva de Thiem tem pelo menos o mérito de ser bastante clara, ao passo que muitos dos seus colegas parecem atribuir maior ou menor importância aos Jogos em função de motivos relativamente conjunturais. Do meu ponto de vista, a comparação com o futebol é, de resto, válida apenas até certo ponto. A verdade é que a competição olímpica do futebol tem uma enorme dificuldade em *encaixar-se* no demasiado estreito calendário olímpico – daí a situação algo absurda de haver jogos do torneio olímpico de futebol antes da cerimónia de abertura. Esse também foi o problema principal que impediu o regresso do rugby aos Jogos: como realizar um torneio em que o período entre os jogos dura no mínimo cinco dias? Como se sabe, o rugby voltou aos Jogos na edição do Rio, mas na cada vez mais atractiva modalidade de *sevens* em que as equipas podem fazer habitualmente três jogos por dia, dado que cada um deles tem apenas duas partes de sete minutos.

Se o que os Jogos Olímpicos, sobretudo enquanto empresa logística, ganham com o ténis (uma modalidade com uma telegenia particularmente eficaz) é bastante fácil de perceber, na medida em que consegue contar com a presença de alguns dos desportistas mais famosos do planeta, talvez haja interesse em reflectir sobre o que ganha o ténis em ser modalidade olímpica. Como procurei mostrar, o processo de reintegração não foi exactamente simples. No entanto, talvez Pequim constitua um momento de viragem com os triunfos de Nadal em singulares e de Federer em pares. A genuína alegria destas estrelas, cuja notoriedade era já na altura planetária, não pôde deixar de emocionar todos os espectadores e telespectadores. Tal como referia com humor Arnaud Di Pasquale, afinal, os tenistas também são humanos. Há um outro aspecto que, para mim, merece igualmente ser sublinhado. Claro que o ténis hoje é um desporto completamente globalizado, havendo torneios profissionais em quase todos os países. Porém, se atentarmos aos jogadores que disputam os primeiros lugares dos torneios mais importantes, veremos que o número de países aí representados é bastante reduzido. Ora, os Jogos são, apesar de tudo e cada vez mais, uma grande competição para o ténis mundial e, como pude atrás mostrar, têm permitido que tenistas de países com pouca tradição na história modalidade subam aos lugares mais altos do pódio.

Outra questão que se me afigura relevante consiste em procurar saber se a presença de desportos como o ténis nos Jogos traduz, ou não, as dificuldades que o chamado espírito olímpico enfrenta face à complexidade e aos problemas do desporto contemporâneo. Deste ponto de vista, estou de acordo com a leitura de Queval, que detecta em Coubertin “o sonho de uma *contra-sociedade* inocente” (QUEVAL, 2009: 143). Manuel Sérgio, por sua vez, faz radicar as bases ideológicas do olimpismo no que designa genericamente por utilitarismo inglês, procurando encontrar aí os motivos pelos quais os Jogos se tornaram uma máquina potentíssima, típica de uma globalização capitalista e neo-liberal (SÉRGIO, 2013: 70, 76). A argumentação apresentada por Manuel Sérgio é interessante, mas estou convencido de que o aristocrata francês dificilmente sustentaria a tese segundo a qual “a moral é uma disciplina empírica. O que é bem ou o que é mal é a experiência a dizê-lo e não qualquer dedução, a partir de princípios” (Ibid.: 71). Talvez também aqui as coisas sejam mais complexas do que, à primeira vista, possam parecer.

Em meu entender, é demasiado fácil assacar a Coubertin a responsabilidade pelos eventuais desvios que o desporto contemporâneo terá efectuado em relação ao olimpismo puro e original. Desde logo, porque o próprio Coubertin não deixou de ser ele mesmo um homem bastante contraditório, como era típico de um tempo que se caracterizava por uma profunda transformação de mentalidades. Ao procurar harmonizar a mundividência grega (ou, talvez melhor, uma visão algo romantizada dessa mundividência) com a modernidade europeia, o olimpismo nasce numa tensão que, até hoje, nunca se resolveu por completo (cf. Lima, 2007). E isso não é necessariamente mau. Quando Federer se empenha a fundo para ganhar a medalha de ouro em pares em Pequim com o seu amigo Wawrinka, estou convencido que o faz por algo mais e sobretudo algo diferente de quem cumpre uma mera obrigação profissional. Por isso, mesmo que o destaque conferido pelos tenistas aos Jogos varie de caso para caso, ou mesmo de país para país (talvez em função da sua própria cultura desportiva) não tenho dúvidas de que, desde Seul até ao Rio, se avançou imenso no aprofundamento das relações entre o ténis e o olimpismo e, por outro lado, acredito sinceramente que, esteja onde estiver, Pierre de Coubertin ficará bastante feliz com isso.

Referências

Periódicos: revista *Tennis Magazine (TM)*: Paris, 1996-2017.

AGASSI, A. *Open: a minha história*. Lisboa: Cavalos de Ferro, 2009.